

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                | Anno    | Semest. | Trim.  | N.º       | 19.º Anno — XIX Volume — N.º 628 | Redacção — Atelier de gravura — Administração   |
|--------------------------------------|---------|---------|--------|-----------|----------------------------------|---|
|                                      | 36 n.ºs | 18 n.ºs | 9 n.ºs | à entrega |                                  | Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4  |
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3\$800  | 1\$900  | 5950   | 5120      |                                  | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)....   | 4\$000  | 2\$000  | —      | —         | 5 DE JUNHO DE 1896               |   |
| Extrang. (união geral dos correios)  | 5\$000  | 2\$500  | —      | —         |                                  |   |



## CHRONICA OCCIDENTAL

Tempo chuvoso e melancolico, céu pesado, côr de chumbo.

Faz agora um anno que eu escrevi a minha primeira chronica para o OCCIDENTE. Era um necrologio.

Um anno! Tantas coisas se reduziram a pó, tantas que foram faladas e de que hoje a memoria não guarda um resquicio!

O tempo assim acorda saudades.

Tantas coisas passaram sobre tantas! Tantos cadaveres sobre lembranças vivas!

E eu, que já me não lembro d'aquillo que foi o assumpto das conversações e dos folhetins, do que interessou os ociosos ou commoveu o publico, do que me ajudou a encher linhas e linhas, que não chegarão a viver o que vivem as rosas, sinto o pensamento voar-me, n'uma saudade que um anniversario acorda, para esse dia em que pela primeira vez me sentei á minha mesa de trabalho, querendo cumprir a tarefa de que me encarregára o convite d'um amigo.

Havia morrido o Gervasio, que por tanto tempo fôra por Caetano Alberto incumbido da chronica occidental. Era um dever falar d'elle n'este logar; era além d'isso um triste prazer para o meu coração.

E estreei-me nas minhas chronicas com um necrologio, com um artigo bem triste para falar d'aquelle, cuja alegria, tanta vez, n'este mesmo logar, se desabotoou em tantos risos.

Meu companheiro de trabalho nos ultimos annos da sua vida, conheci-o de bem perto. Era a personificação d'aquelle santo bom humor, que só é dado ás consciencias boas. Vinham-lhe os ditos espontaneamente aos labios entre gargalhadas francas d'uma alegria sã. Ninguem como elle para contar uma historia, para animar uma palestra, para com um dito bom pôr termo a uma discussão.

E sempre o fazia sem azedume. Elle, que tanta vez foi tão injustamente agredido pela inveja, pela ignorancia e pela estupidez; que tentaram dar cabo do seu trabalho honesto, mordendo-o e calumniando-o, recebia sempre o ataque n'uma paz d'alma invejavel, despresando os máus, rindo dos estúpidos. Depressa perdoava, e nem uma só vez se revoltou, quando reconheceu um vislumbre que fosse de justiça na aggressão. Apaixonado, como todos, pelo ultimo trabalho que lhe sahia das mãos, bastava que um outro viesse occupar-lhe o pensamento, para que a sua critica muito lucida se exercesse sobre o primeiro. E então, a sangue frio, cortava, emendava, substituiu, compunha de novo.

A ultima ideia que teve em theatro foi a da recomposição do *Cóco*, *Reineta e Facada*, e n'isso me falou ainda na vespera de morrer. Mal sabia eu que, não passado um anno, havia de metter-me sósinho a esse trabalho, que elle tanto desejava, em que tinha tanta confiança!

O theatro foi sempre a sua paixão dominante e poucos auctores dramaticos poderão com os d'elle medir os exitos. Nos ultimos dez annos da vida teve sempre em mãos algum original e d'elle foram as melhores traducções representadas no theatro do Gymnasio.

A alegria de que recheava as peças era tirada da fonte inexgotavel, que o Gervasio tinha em si mesmo, e que não havia meio de exaurir.

Milhares de anedoctas o provam.

Um dia estava elle conversando com Fernando Caldeira e outros á porta do Plantier. Passavam umas meninas feias, de botas apertadas, caminhando mal. Era grande o grupo dos rapazes que ouviam o Gervasio e ellas, com um máu humor visivel, tiveram que descer do passeio para a calçada. Então um policia approximou-se d'elles e intinou-os a sahir, porque impediam a circulação.

— Que circulação? perguntou o Fernando.

— A fiduciaria, respondeu Gervasio.

E apontando para as meninas que se afastavam:

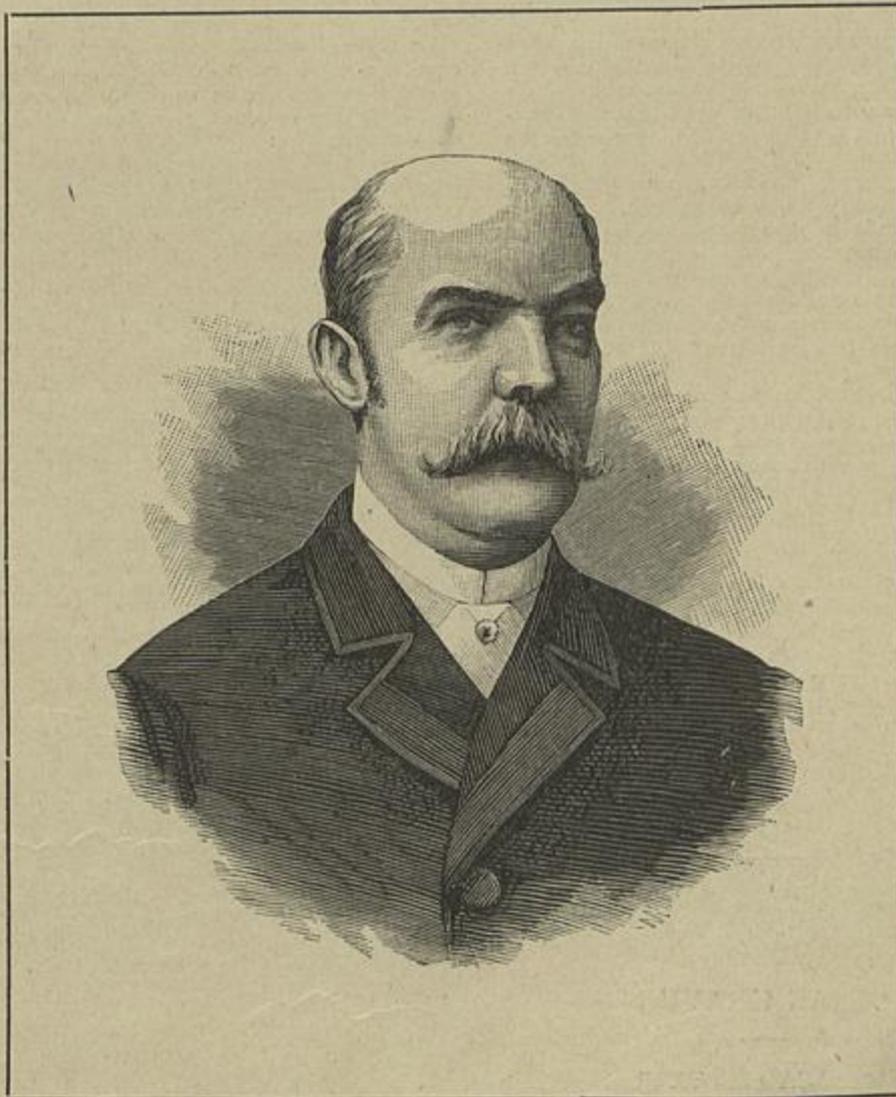
— Não vês as Fiducias?

Fernando Caldeira foi dos maiores amigos de Gervasio Lobato e com elle collaborou n'uma peça *As medicas*, que obteve no theatro do Gymnasio um exito colossal, tendo dado dezenas de representações.

Era um alegre tambem, mas a sua alegria era temperada por um lyrismo excessivo, que o não abandonou nunca, nem sequer quando já muitos cabellos brancos lhe vieram salpicar as barbas ruivas.

Tambem teve grandes triumphos no theatro, sendo os maiores o da sua estreia em D. Maria com *A Varina* e o da sua despedida com *A Madrugada*, uma peça confusa, muito enredada, que viveu sobretudo pela delicadeza de certos pormenores, pela belleza lyrica de muitas poesias espalhadas por aquelles quatro actos.

## A COROAÇÃO DO TZAR



CONDE DE FICALHO

EMBAIXADOR DE PORTUGAL, NA COROAÇÃO DO TZAR

Fernando Caldeira era sobretudo um poeta, e por isso foi que as suas peças em verso obtiveram sempre o agrado do publico. A sua pequenina comedia *A mantilha de renda*, que foi representada talvez mais de cincoenta vezes, era um primor de delicadeza.

Outro poeta que obteve glorias em theatro, foi nos tambem roubado, ha pouco mais d'um anno. Affastado dos palcos, havia muito tempo, quiz despedir-se d'elles, antes que a morte o levasse, e pode quasi dizer-se que foi lá que a morte o foi buscar.

Triste foi aquella primeira recita da *Lição Cruel*.

Eram todos tres amigos, o Gervasio, o Fernando e Pinheiro Chagas. A todos foi o theatro que primeiro os tornou celebres; mas de todos elles foi Pinheiro Chagas quem na sua estreia maior nome criou.

A companhia, que trabalhou este anno no theatro da Rua dos Condes e tinha por directora Lucinda Simões, deu nos, ha poucos mezes, umas duas ou tres representações da *Morgadinha de Valflor*, peça nascida n'um cerebro de poeta, toda ella escripta em estylo romantico, mas que, ainda hoje, passados quasi trinta annos, nos commove e tem em si a explicação das enormes ovações com que foi recebida por um publico, tão intelligente como o d'agora, mas mais facil de enthusiasmar!

O nome de Pinheiro Chagas era já conhecido como de poeta romantico dos de primeira ordem, quando se annunciou a sua estreia no theatro.

Era no publico uma anciedade. Foram o Tasso e a Emilia Adelaide os que se incumbiram dos papeis de *Luiz Fernandes e Morgadinha*. Os que melhor os conheceram referem-se com enthusiasmo ao calor que esses dois artistas verdadeiramente peninsulares communicaram aos personagens.

Foi uma noite de festa. As ovações repetidas coroaram o trabalho de todos. Portugal tinha finalmente um auctor dramatico, anciosamente esperado desde Garrett.

E todos tres, em tão curto intervallo de tempo, seguiram-se uns aos outros á sepultura, o Fernando Caldeira, tão lyrico e tão poeta, o Gervasio Lobato, com tanto espirito e tanta graça natural, o Pinheiro Chagas, tão entusiasta e tão brilhante!

Quando, depois da morte d'algum amigo, a sua obra, dure ella o que durar, — quem sabe o que dura a obra d'algum? — nos commove ainda, nos traz aos olhos uma lagrima, aos labios um sorriso, ou á garganta uma gargalhada, parece que lhe vai n'isso algum agradecimento ao amigo morto, que ainda lhe pôde fazer algum bem a commoção que nos deu, a alegria que nos trouxe.

Depois de nós não de vir outros, que não de pensar d'outra maneira, procurar outros modos de commover se. Mas nós, enquanto formos vivos, sentiremos como sentimos na mocidade, pensaremos mais ou menos, como pensamos agora, e o que hoje nos commove isso ha de commover-nos para sempre.

Gervasio Lobato deixa no theatro obras primas de graça portugueza, da boa, genuina graça; Fernando Caldeira espalhou por todas as suas comedias finissimo espirito, poesia sentida pela alma lyricamente portugueza; Pinheiro Chagas teve como poucos o condão de fazer nos seus dramas vibrar o enthusiasmo.

O tempo vai sombrio. Do céu côr de cinza estão cahindo cordas d'agua. Oíço-a na calçada, na rua silenciosa. O sol vai a descer por detraz d'aquellas nuvens, que ainda hoje não rasgou. Desce do céu, espalha-se pela cidade, uma melancolia immensa. A noite aproxima-se.

Está um dia para se falar de mortos, já que a vida é triste como o crepusculo d'esta tarde, já que nos consola falar de quem se foi.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A COROAÇÃO DO TZAR

A morte do Tzar Alexandre III, facto que noticiámos no nosso numero 572, elevou ao throno o Tzar Nicolau II. Este acontecimento que, nos países mais ao occidente da Europa, é sempre cau-

sa de grandes festejos, tem na Russia uma celebração, propria, cujo ritual e grandeza nunca tem desmerecido.

Como o Tzar é ao mesmo tempo chefe temporal e espirital do imperio, a sua coroação é uma necessidade impreterivel para a consagração do seu governo.

Essas festas elém do rito official são secundadas por um conjuncto de festas domesticas, que o rito tradicional tem conservado.

Hoje, mais do que nunca, a magnificencia d'essas festas, é exigida pela posição eminente e situação excepcional, culminante, que o novo Tzar tem na politica europea, da qual a Russia é, em verdade, o centro do seu systema. Accudiram á côrte de Nicolau II os embaixadores extraordinarios, os ministros representantes dos chefes d'Estado de todos os povos ocultos.

Portugal tambem alli se encontrou representado pelo nobre conde de Ficalho, distincto fidalgo portuguez da maior nobresa, cuja sympathia de character bem merece das tradições de lhaneza e de bondade que tão querido tornaram o vulto venerando do fallecido marquez de Ficalho, seu pae. O sr. conde, é um illustre lente de botanica, socio da Academia Real das Sciencias, e um litterato elegante e erudito.

Está, pois, Portugal representado condignamente no acto solemne da coroação do autocrata de todas as Russias, Nicolau II.

A' hora em que escrevemos são mal conhecidas ainda nos seus pormenores as esplendorosas festas que se tem realisado na velha capital do antigo imperio moscovita.

Moscow está em festa, ha alguns dias, e os mil corresponden es que a imprensa de todo o mundo alli tem, confessam que a cidade russa offerece um aspecto de difficil descripção.

Noticias de ultima hora affirmam a grandeza e esplendor dos festejos e solemnidades, e da accumulção extraordinaria de gente, em Moscow, de que tem resultado alguns desastres. Calculam se em cerca de quatro mil os feridos pelos apertões, dos quaes falleceram mais de mil pessoas.

Só por este numero se pode fazer uma pequena ideia do immenso movimento que a extraordinaria concorrência provocou em Moscow.

De toda a parte do immenso imperio russo accorreram subditos de Nicolau II convidados pelo primeiro pregão que se fez na Russia. Foi feito em frente do senado, ante o povo que o ouvia de cabeça descoberta:

«O nosso muito augusto, muito alto e poderoso soberano, o imperador Nicolau Alexandrovitch, que occupa o throno hereditario do imperio da Russia, do reino da Polonia e do grã-ducado da Finlandia inseparavelmente unidos, dignou se determinar, seguindo o exemplo dos piedosos monarchas, gloriosos antecessores seus, que a santa solemnidade da coroação e consagração de sua magestade imperial, se celebre com o auxilio do Todo Poderoso a 14 do mez de maio (kalendario russo), associando a este acto sua augusta esposa, a imperatriz Aleixa Feodorowna.

«Pelo presente proclamo se annuncia esta solemnidade a todos os fieis subditos de sua magestade para que n'esse dia elevem ao rei dos reis, as suas mais fervorosas orações, a fim de que se digne abençoar o reinado de sua magestade e manter sob o seu sceptro a paz e tranquillidade publica, para maior gloria do Santo Nome e a inalteravel prosperidade do imperio.»

O Tzar antes da coroação passa alguns dias recolhido no palacio de Petrowsky, que a nossa gravura reprensa e que está situado fóra de Moscow.

Alli se prepara para a grande cerimonia longe do bolicio da cidade, orando e fazendo penitencia.

A grande cerimonia não se realisou em S. Petersburgo, hoje capital do imperio, mas sim em Moscow por ser a antiga capital a cidade santa por excellencia da nação moscovita. Essa cidade singular, onde a par de mil riquezas e de edificios extraordinarios se encontram as habitações mais modestas dos mais pobres moscovitas, apresentou o aspecto mais estupendo que se pode imaginar, tal a profusão de luzes, de ornamentações, de vestuarios e até de individuos, que os havia alli de todo o mundo.

A cidade tem no seu centro o Kremlin, antiga fortaleza, enorme, que indica a cidade santa a quem a vê de longe.

A nossa estampa dá uma bella ideia da grandiosidade dos edificios dentro do Kremlin. Entre as cathedraes que alli se admiram está a igreja da Annuniação, que mostramos em estampa separada, e onde se realisou a coroação. E' um dos tem-

plos que offerece o typo mais completo e perfeito da classica igreja moscovita. Tem ao centro tres portas. A principal, a maior de todas, é a porta do Tzar (tzarskridver) e por ella não pode entrar e sahir senão o sacerdote officiante, segundo o rito grego. As outras duas são destinadas aos diaconos.

E' no palacio real, que fica dentro do Kremlin, que está a celebre sala denominada de S. Jorge, onde os representantes de todas as classes sociais são apresentados ao Tzar logo depois da coroação. Tanto esta sala como outras, a de S. Alexandre, S. André, são primorosamente decoradas.

Foi no salão de S. Jorge que o imperador tomou o primeiro alimento depois de consagrado. N'este salão cabem bem umas tres mil pessoas e do tecto pendem tres bellos candelabros com cerca de quatro mil velas cada um.

A sala de S. Valdimiro, que segue á de S. Jorge, tem as paredes forradas de marmore côr de rosa. E' na de Santo André que está o throno de ouro macisso. E' um palacio de maravilhas: pilastras de malachite e azurite, os moveis de prata, as bellas sedas, riquissimos tapetes, alguns bordados a prata e perolas. Dos aposentos reservados das Tzarinas, no palacio imperial é desnecessario fallar, basta dizer-se que se não excedem egualam perfeitamente a riqueza das outras salas, citadas.

Em um artigo simplesmente de registro das deslumbrantes festas russas não é possivel ter sequer a ideia de as descrever. Apenas, marcamos este facto cuja importancia politica, especialmente na Europa é da maior e da mais subida significação.

No dia da coroação, dirigiram-se os imperadores á cathedra onde foram recebidos como manda o ritual. Os soberanos chegados ao alto do templo subiram a um estrado onde presenciaram todas as cerimoniaes que precedem o ritual secular. Depois, os altos dignatarios ajudaram o imperador a vestir o manto, o collar e a estrella de Santo André, tomando depois o globo e o sceptro.

Terminada esta cerimonia o imperador preparou-se para coroar a imperatriz.

Esta ajoelhou a seus pés, e então o Tzar tirou a corôa da sua cabeça e passou pela frente da esposa, lentamente, como que transmittindo lhe uma parte do seu poder. Em seguida foi a imperatriz revestida das suas insignias.

Cantou-se um hymno, acabado o qual, o Tzar recitou uma oração invocando a benção de Deus para o seu reinado.

Todos os que assistiam se ajoelharam, rezando pelo Tzar, concluindo-se assim a parte mais importante da cerimonia, que tem mil outros pormenores que nos pareceram difficeis de relatar sem enfado.

Está pois, cumprido este preceito da constituição politica do maior imperio da Europa e a politica internacional conta mais um influente poderosissimo sobre cujas acções estão os olhos de todo o mundo.

## O CHIC

Vocabulo que por ahi se lê e se ouve repetir, a cada canto. Se, hoje em dia, não ha, por assim dizer, bicho careta, que não ostente pretensões a ter chic! No traje, no andar, nos ademanos, nos habitos imperam e prodominam, d'alto a baixo, a tyrannia do chic e o despotismo da moda, sejam muito embora quaes forem a fealdade, a insensatez, a extravagancia ou o ridiculo dos usos e dos objectos sobre que recahem seus dictames.

Por exemplo: Não ha ainda muito tempo, era requinte do chic londrino andarem as aristocraticas *ladies* pela rua, sem luvas, que só calçavam quando sahiam de proposito a visitas ou se tinham de assistir aos officios divinos.

Em Vienna de Austria, o chic impunha exactamente o contrario: nem podia reivindicar fóros de chic a dama que ousasse apresentar-se a publico, sem que tivesse envergado um enorme par de luvas pretas, muito largas e tão compridas que lhe cobriam o cotovello; com aranhas, moscas, lagartos ou cobras — socegum... eram bordados. Pouco tempo aates de ter entrado na voga esta supina elegancia de porta-machado, a moda decretara o uso de cintos, ou antes de cinturões de sola, com 15 centimetros de largura, e incorria em delicto de leso-chic a beldade, que não adoptasse por animal favorito o rato ou a ratazana, que não ostentasse a imagem do bicharôco pre-

ferido, lavrada em vulto e de tamanho natural, no castão da sombrinha, e não lhe dependurasse por uma larga correia, como indispensável accessorio, a enorme bolsa ou escarcella bordada.

Foram também preceitos invioláveis de elegancia e bom tom usar lenços de assoar redondos; escrever cartas e bilhetes em papel triangular, e adornar os braços, durante a estação compestre ou alpestre, com um chocalho verdadeiro, pendente do respectivo correão, á laia de pulseira. Ai de toda e qualquer filha de Eva que se eximisse a cumprir taes preceitos! Ficaria sendo considerada tão pouco chic como a parisiense que, sahindo a passeio, não cavalgasse a bicycleta, ou a *nova-yorkina* que não soubesse empunhar o sabre, o florete; servir-se, opportunamente, do revolver ou rivalisar no trapezio com o mais agil e destro acrobata.

A lista das manqueiras e das tenêtas seria interminavel e, por agora, contentemo-nos com estas, para amostra.

Nada ha mais inconstante e versatil do que o chic: leva a palma até á propria moda, com a qual, todavia, se não deve confundir — ha entre ambos differença, e grande, com quanto apresentem, como traços communs, a boa fé, a ingenuidade ou a toleima com que os muitos dão a borda ás velhacas explorações dos poucos, que sabem dirigir, aproveitando-a em beneficio proprio, essa eterna e simiesca corrente da imitação, que cada dia engrossa mais.

O chic é, pois, a quint'essencia da moda: é a pretensão vaidosa de fazer vibrar, no concerto geral do inconsciente e banal arremêdo dos ridiculos alheios, nota isolada, pessoal, distincta; de afirmar, seja por que preço for, a propria individualidade por forma original, extremando a do vulgo, — d'ahi, a curtissima duração de suas caprichosas veleidades.

A moda, boa ou má, bonita ou feia, acerta ás vezes e, seja dito de passagem, vae pouco a pouco cedendo á influencia progressiva das artes e do gosto; e, de dia para dia, apresentando tendencias mais praticas, parece, finalmente, estar meia resolvida a obedecer aos dictames de uma esthetica mais racional e orthodoxa.

Qualquer phase da moda consegue durar, ás vezes, uma estação inteira — as imposições do chic, um mez, um dia e, em muitos casos, apenas uma hora.

«Ha quarenta annos, o vocabulo *chic* era totalmente desconhecido entre nós,» affirmam e repetem, uns apoz outros, os escriptores francezes que constituem auctoridade n'estas materias do bom tom e da elegancia — «e, ácerca da etymologia de tal palavra, reina a mais completa obscuridade.» Isto, como adiante veremos, não é, porém, exacto: — já nos vamos habituando a estas asserções pre-emptorias quanto levianas e impertinentes, assaz vulgares, aliás, entre a moderna *litteratura ligeira parisiense* — o que nem sempre quer dizer franceza. Para esses *bersaglieri* do jornalismo, tudo quanto passou ha oito dias, é velho, some-se no esquecimento — hoje vive-se com tanta pressa, que não ha tempo para olhar para traz. Pois saibam que, entre a bohemia parisiense, não ha ainda cincoenta annos, *Chicard* foi typo popularissimo, que ficou immortalizado nos inimitaveis desenhos do inolvidavel Gavarni; e de *Chicard* se fez *chic*, termo que, a cada momento, apparece no calão bohemio d'aquella epoca.

A etymologia vae-se buscar mais longe, até, se quizerem — desde o seculo XVII, pelo menos, existe na lingua alemã a palavra *Schick* com a significação de *bom gosto* e *bom gosto*.

E' pois, n'este sentido, e como designação de um predicado superior, de privilegio absolutamente individual e que, ao commum dos mortaes não é dado possuir — que o termo se emprega hoje, e eis ahi o que o distingue da palavra *moda*.

Era assim que o entendia o celebre *Léonidas*, o rei dos costureiros ou *costumiers* — que, no seu tempo, foi arbitro de elegancias — mortal a quem a Providencia, diziam seus admiradores, concedera o dom rarissimo de transformar, com seus dedos de fada, o mais insignificante farrapo, a minima bugiganga, em maravilha do gosto. Era, dizem, dotado o leiteiro de olhar tão seguro, infallivel e instantaneo, que, sem a minima hesitação, decretava, á primeira vista, o que é que vinha a esta ou aquella das suas freguezas e escravas. — «*Ah! mon Dieu! que vous êtes chic!*» Esta exclamação dirigida a qualquer d'ellas pelo despota do chic, da moda e do bom tom, representava para a interpellada o supra-summo da bem-aventurança e da gloria!

Outra celebridade da ephemera arte dos arre- biques, *Gindreau*, o artista fecundo e sem rival na especialidade de inventar e armar chapéus e toucados, lia pela mesma cartilha; affirmava, po-

rém, ás suas freguezas, com modestia falsa ou verdadeira, que o chic era unica e exclusivamente dom natural, condição plastica da pessoa, e que elle, *Gindreau*, ainda mesmo com o mais genial de seus inventos, apenas concorria para realçar em qualquer beidade esse congenito predicado, quanto pode concorrer a moldura para o bom effeito do melhor quadro. — *Worth*, não menos celebre, e que actualmente é oraculo e arbitro do chic, publicou ainda ha pouco um livro em que explica e defende o habil e artificioso monopolio francez da moda, e o culto do chic; monopolio que hoje se vê, aliás, tão atacado, e que outras grandes nações, ciosas dos interesses das suas artes e industrias, tanto procuram abalar.

O que é certo é que tão raro privilegio nem sempre anda associado á ideia de formosura ou de absoluta perfeição physica, e está longe, pois, de ser uma qualidade absolutamente esthetica: homens e mulheres devendo bem pouco á formosura tem merecido o qualificativo de chic. O requisito essencial de qualquer ente chic é a absoluta individualidade — no bom ou no mau sentido da palavra, lá isso pouco importa: o caso é ser se differente de toda a gente; passar por absolutamente original, inimitavel, a ponto de fazer estalar d'inveja o proximo. — Os outros mortaes, os não eleitos, que copiem, muito embora, as extravagancias, os arrojados d'este ou d'aquella trajo ou alfara, os modos, os gestos e ademanos, os inventos sumptuarios do homem ou da mulher chic — miseros e mesquinhos, quando muito, conseguireis ser grotescos! que emquanto a ter chic... isso lá é só para preudados!

Como devem suppôr, o chic tem os seus annos, chronica fertil em curiosos e extravagantes pormenores, e em ridiculos e burlescos também. Ora oiam: Aqui ha annos, uma actriz de fama europeia, que não deu pouco que fallar por esse mundo fóra, e que, accumulando, durante certa época, as duas realtezas, empunhou o sceptro do chic, cingindo a cerviz com o barrete de guizos da folia, em vez de coroa, teve a estrambotica phantasia de só admittir ao seu serviço, como unicas aias chic, raparigas com seis pés craveiros de altura. — Imaginem que caçadas, que cercos e montarias aos taes mastaréos, por esse mundo além! — Que importancia não adquiriram, de repente, as filhas dos tambôres-môres (que Deus haja!) — Escusado será dizer que a maliciosa *histriona*, d'ali a um mez, como requinte do chic, tinha por covilheira uma anã. — D'ali a pouco era a mulata a unica aia de *bom tom*. Depois, apeteceu indias e, emquanto se contentou com as da Asia, ainda a coisa não foi mal; tentou, porém, recrutar-as na America, mas os Pelles-vermelhas, são ciosos de suas femeas, como a bréca, e a dama não conseguiu resolver uma unica das modestas e caseiras *Squós* a que desertasse do *Uigum* de seu amo e senhor.

Durante certo tempo, o chic apresentou tendencias para o exotismo, e uma dama do *alto chic* lembrou-se, um bello dia, de adornar os braços e o pescoço com tatuagens, tão caprichosas e phantasiadas como as de qualquer guerreiro aborigene dos archipelagos da Polynésia. Pela mesma época, outra grã-sacerdotisa do chic, impunha a centenas de imitadoras o uso das sub-cutaneas injeções de perfumes.

Outra celebre princeza do palco e da ribalta accordou, uma bella manhã, com a ideia incasquetada de que, uma qualquer *toilette*, para ter verdadeiro chic, deveria em absoluto emancipar-se da tutela da modista ou do costureiro, e ser um achado completamente individual. — O principio, como vêem, era justo, sob o ponto de vista da esthetica e da razão, mas não ouvir como é que ella o applicou. A diva apresentou-se n'um hyppodromo, no dia inaugural das corridas, n'esta linda figura: — O chapéu figurava um selim, e as fitas, dois lóros com os competentes estribos. Os cabellos soltos, pelas costas abaixo, á laia de cauda de cavallo, bridados á altura da nuca por uma barbella. Sobre a saia de velludo cõr de cereja, alternavam, em padrão, ferraduras de aço e chicotes, minusculos. O corpete era talhado ao modo da blusa do jockey, e seguro por um cinto, ou mais propriamente, silha, cuja fivella era em fórma de ferradura... O freio, as esporas e outros accessorios hippicos figuravam também. — Ignoro se acaso a aia, lá em casa, ás horas do toucador, empregava a brussa e a almofaca... é provavel. — O trajo fez sensação, e o caso é que a moda pegou.

As actrizes de Nova York resolveram, certo dia, apresentar-se, durante a estação balnear, todas juntas, na praia mais concorrida pela gente *fashionable*, e tomarem banho, cada qual com o trajo do seu papel mais applaudido, salvo, todavia, as pequenas alterações indispensaveis para poderem nadar á vontade.

O exito foi enorme! O *suprasummo* do chic! D'ahi a pouco, fervilhavam imitadoras e, pelas praias norte-americanas, á hora do banho, passou a reinar a mais completa mascarada; não se viam senão Mascottes, Orpheus, Duquezinhos, Bocca-cios, Bellas-Helenas, Fatinitzas e quejandas, predominando, já se vê, os *travestitos*... Imaginem!

Se até os proprios defeitos physicos entram ás vezes no dominio do chic. Victima de uma queda, certa princeza que dava, no seu paiz, a lei em questões de bom tom, resultou-lhe ficar, pelo espaço de cinco ou seis mezes, um quasi nada manca: tanto bastou para que, durante todo esse periodo, fosse do *mais alto chic* o andar de pata choca! O chic da myopia é muito nosso conhecido, e quem haverá ahi que não arrelie com esses quizilentos *lorgnons*, essas impertinentes lunetas com cabo de metro e meio, monopolio que entre si dividem a elegante e o *ché-ché* do entrudo?

Ao chic, lá de tempos a tempos, dão-lhe venetas scientificas: — não ha muito ainda, em França, reinava o *furor* da astronomia. O mundo elegante em peso, repartia seus lazeres entre a antesala do *costureiro* e o observatorio astronomico. Se a tenêta dura mais, estou que até o proprio *Redfern* vinha a estalar com inveja, com ciúmes do sete-estrello!... E, caso nunca visto, um astronomo muito celebre disputou, durante uma estação inteira, primasias em popularidade á mais querida prima-donna.

Abunda o chic plutocratico em casos de ostentação impertinente e, diga-se a verdade, bem pouco edificantes emquanto a bom gosto.

A matilha dos cães de caça de um Crésio americano appareceu, certo dia, calçada de meias de seda e de lã, com as competentes ligas, bordadas a ouro e a prata. E basta!... Que elles davam para encher um Lexicon.

Infelizmente, porém, o chic nem sempre se limita a ser ridiculo: as manias dos *chiquistas* são, ás vezes, perniciosissimas, como entre nós o está sendo o chic da *archeologic*, esse caricato arremêdo da sciencia ou do instincto do colleccionista, paspalhice que, com tanta outra asneira, importamos do estrangeiro. Lá por fóra, vae passando... deu o seu tempo — mas por cá, pegou de estaca, e creio que não haverá artista que não soffra, mais ou menos, com a arreigada mania.

Quanto escultor distincto, quanto mestre em obra de talha, para viver, se vê obrigado a remendar cangalhada, a desperdiçar o tempo e o engenho n'esses horribes e estupidos enxertos, n'essas continuas transformações das teias, dos frontaes esculpados, dos forros de paredes, columnas, apainelados de antigas capellas, egrejas e sacristias de conventos, em bufêtes, armarios e credencias para *adorno* das salas de jantar e dos salões dos pretenciosos palacetes, *villas*, *chalets* e *cottages* de pseudo-estyllo, que constituem a delicia d'esse milionissimo exemplar do *bourgeois gentilhomme*. Pintores talentosos, dos quaes alguns viram já seu merito sancionado e premiado nos grandes certamens europeus da Arte, luctam com o indifferntismo d'este snobismo artistico que, até hoje, ainda não encontrou o seu Thackeray.

Ora!... Mas se o chic ordena que só se comprem telas velhas? Portanto, tóca a desencantar thesouros, achados preciosos, obras primas dos grandes mestres!... E assim é que é ter fardo, dar prova de instincto artistico. — Pois sim, sim — mas, ao depois... é cada côdea! — Telas revêlhas, pôdres, paineis carunchosos, copias em centissima edição de antigas gravuras; retocam-se, repintam-se; vão ao lume, a crestar, a torrar, a gretar, para adquirirem a *patina* preciosa, e depois... O sagacissimo amator!... terias poupadinho dinheiro, acredita, encaixando na moldura... qualquer oleado velho.

Critico, má lingua, incorrigivel mestre de obra feita!... Já é pretensão! Pois não sabes, meu curruca, que isto de querer emendar o mundo é o mesmo que tentar apagar o lume com azeite? — Não conheces essa parabola tão popular das ovelhas do João do Oiteiro, que, pelos modos, já por cá era velha, no tempo de Rabelais? E cuidas tu que és capaz de dar cabo do chic? — Estás arranjado!... Só se souberes e puderes inventar um chic... novo!

Pin-Sel.

## PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares  
de José Barretti, traduzidas do italiano

X

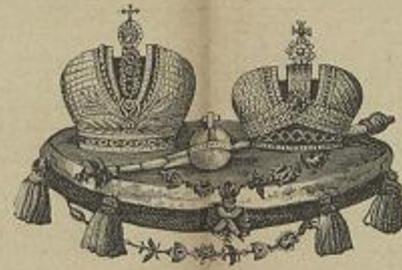
Lisboa, 9 de setembro de 1760.

Tem-me dito alguns inglezes que as rendas do rei de Portugal ascendem a cerca de quatro mi-

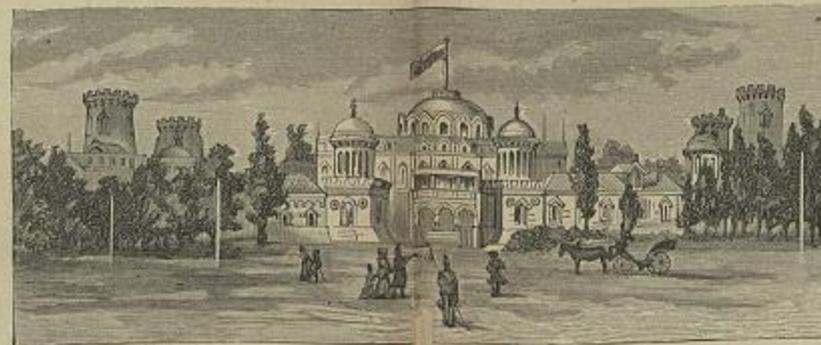
# A COROAÇÃO DO TZAR



O TZAR NICOLAU II



AS COROAS IMPERIAES



O PALACIO E USPENSKI



A TZARINA ALEIXA



O PALACIO IMPERIAL NO KREMLIN



A EGREJA DA ANNUNCIÇÃO EM MOSCOW

lhões de libras esterlinas, das quaes elles levam pouco menos de metade por fornecerem este paiz de cereaes, pannos, couros e outros innumerables objectos, pela maior parte fabricados, como já vos indiquei n'outra carta. Outra grande parte d'aquelles quatro milhões é despendida por sua magestade fidelissima na manutenção de um numero consideravel de frades e freiras. D'estas ha aqui um mosteiro, em que todas são inglezas, e por isso é denominado o mosteiro inglez. Fui visital-o esta manhã, e a abadesa, que é a unica dama que lá, ha chamada Milady Mill, deu-me largas informações do estabelecimento d'este seu mosteiro, que está pela maior parte povoado de filhas de negociantes inglezes, as quaes, sendo para aqui trazidas pequeninas por seus paes, e depois deixadas, ou por morte, ou por fallencia, ou por outra causa em pobreza, são educadas no nossa religião, ficando em seguida freiras n'este convento. Algumas veem ainda para esta communidade da Irlanda, a qual, como sabeis, abunda em catholicos pobres. Teem muita correspondencia com aquelle reino, e o seu cuidado principal consiste em procurar sempre achar raparigas, lá ou cá, que queiram vir aqui tomar o véo, e completar o seu numero, quando este se reduz por obito d'algumas d'ellas. Quem quer que fale inglez, seja catholico ou seja protestante, tem uma especie de direito a vir visital-as, e ellas tratam quem lá vae com tanta cortezia que raras vezes o seu locutorio está vazio desde pela manhã até á noite. Uma excellente commodidade que tem as familias portuguezas é a de fazerem aprender a lingua ingleza a suas filhas, mandando-as educar n'este convento; todavia, não mettem lá nenhuma, cuidando muito pouco de lhes mandar ensinar as linguas estrangeiras ou outra cousa. Muito me agradaria, por exemplo, que pudessemos ter um mosteiro semelhante na nossa cidade; outro de freiras florentinas, outro de francezas, outro de allemãs, com vinte freiras para cada um; pois, transferindo as nossas meninas nobres de um convento para outro, viriam em breve a aprender os quatro idiomas d'aquelles quatro paizes; e uma pessoa que sabe muitas linguas tem por força muita quantidade de idéas, as quaes, a meu ver, fazem passar a vida muito melhor que a ignorancia, que não consiste senão na falta ou escassez de idéas. O numero d'estas religiosas inglezas de Lisboa é precisamente de vinte, e essas pobres creaturas passam mil inquietações para que tal numero não diminua, de modo que obrigue depois o rei a fazel-as receber subditas suas; o que muito lhes havia de custar. Offerecem com profusão chocolate e doces a quem as vae visitar; e quem assim é obsequiado por ellas, sabendo quanto os meios de cada uma d'ellas são limitadissimos, trata tambem de lhes fazer presentes; e este uso é tão bom para ellas que serve, por assim dizer, de censo para aquellas que não teem mais que a sustentação do convento. A abadesa Milady tomou o véo por pobreza como as outras, mas, alguns annos depois de haver professado, teve a boa fortuna de herdar um capital de algumas mil libras esterlinas na Irlanda, pelo que lhe foi permitido sahir do convento, e lá ir recolher a herança, com a qual teria então podido ficar na sua patria, e viver lá com muita nobreza, se tivesse querido; mas a heroica e digna senhora, fiel ao seu voto, quando houve ás mãos aquella somma, voltou corajosamente a Portugal para a sua cella, e por sua morte deixará ao convento o referido capital, que lhe tem sido permitido administrar á sua vontade, e que ella faz tenção, segundo lhe ouvi, de repartir pelas futuras irmãs que vierem aqui sem rendimento. Demorei-me um bom pedaço com aquellas innocentes creaturas, subi para a carruagem com o sr. Eduardo e fomos jantar com os *padres barbadinhos*, que assim chamam aqui aos capuchinhos, dos quaes em todo Portugal não ha senão um só convento, e todos os seus frades são do estado de Genova. Pode ser que algum dia os houvesse de qualquer outra provincia da Italia, mas pouco e pouco o numero dos genovezes cresceu tanto que por fim excluiram todos os que não eram naturaes da sua nação, não sei com que fim religioso ou politico. Foi o pae do soberano actual quem mandou edificar este convento, o qual, já pela construcção, já pelos seus jardins, é o mais bello convento de capuchinhos que ha no mundo. As cellas dos frades são grandes, e não como n'outros paizes acanhadas, e o sitio bellissimo, porque das muitas janellas das cellas se desfructa um lindo panorama do Tejo e arredores. Os religiosos, porém, são aqui em pequeno numero, porque, apenas chegados de Genova, deitam-se a estudar como desesperadas a lingua portugueza, e, mal a sabem bem, são mandados para muitas partes da America, Asia e Africa a converterem idolatras e mahometanos. Para

mostrar ao sr. Eduardo uma cousa que elle nunca vira, veiu-me á idéa, depois d'elle ter visto as freiras, mostrar-lhe os frades; e por isso mandei pedir ao padre guardião que nos desse hoje de jantar, tendo tido, porém, o cuidado de lhe mandar antecipadamente alguns comestiveis e garrafas, pois seria peccado ir roer os ossos aos pobres capuchinhos que não teem aqui, assim como n'outras partes, muito que comer. O guardião e os outros frades, que ao todo não passam actualmente de vinte, trataram-nos com infinita urbanidade, e o padre cosinheiro caprichou em certos manjares á portugueza e á genoveza. Comemos todos juntos no refeitório, e o sr. Eduardo, que é cheio de religião a seu modo, ficou tão poderosamente captivado da humildade, compostura, maneiras e devoção dos bons padres, que sem perceber uma palavra da lingua que alli se falava chegou a dizer-me que tinha quasi resolvido durante o jantar deixar-me proseguir a viagem só, converter-se ao catholicismo, e tomar o habito dos capuchinhos; acrescentando que gente que leva aquella vida por amor de Deus deve certamente ir para o céu, e com muito maior facilidade do que tendo outro estado. Professo tambem a sua opinião, comquanto nunca me sentisse com força bastante para renunciar completamente a este mundo, que, todavia conheço, ha muitos e muitos annos, não ser mais do que uma miseravel bola sem a minima substancia dentro; mas, quanto ao senhor meu companheiro de viagem, tenho observado, por mais de um signal, que tem mais de tolo do que era necessario, e que é atreito a mudar de opinião todos os dias e a toda a hora; pelo que não julguei a proposito apoiar este seu capricho repentino e fazer um bom serviço mundano a certos parentes seus que não teem a cabeça tão leve como elle. Estou persuadido que amanhã ha de pensar de outra maneira, e que talvez lhe dê na cabeça sentar praça para soldado ou casar com uma portugueza, ou namorar-se de alguma preta, ou fazer qualquer outra extravagancia; e por isso me contentei de rir d'esta sua veleidade, dizendo-lhe que para o futuro só o chamarei pelo nome de reverendissimo padre Eduardo. Amanhã, por conselho do embaixador inglez, iremos ver um logar chamado Mafra, do qual vos falarei a seu tempo. Adeus.

Alberto Telles.

## NA LEZIRA

# O MAIORAL

Ao meu velho amigo Búlhão Pato,  
ao grande paisagista das GEORGICAS, esta recordação  
das nossas caçadas

### I

N'isto de paisagem, como em tudo, os gostos são diversos. Uns gostam dos terrenos levemente accidentados, outros das altas serras — eu, sem as desprezar, prefiro os grandes plainos, as leziras sem fim, que me dão a idéa, a impressão do mar sem limites.

Os meus terrenos para caçar são a lezira e os pinhaes. E na lezira a figura que mais gosto de ver é o campino — o genuino, o antigo, o de barrete verde ou preto, collete avivado de vermelho, calção de fivela, meia, e sapato de prateleira. Se eu fosse senhor de terras no Riba-Tejo, este traje, o costume tradicional, era de rigor nos meus creados, não lhes admittia a mais leve alteração. *Sint ut sunt, aut non sint.*

O leitor perdoará esta irrupção do latim em plena campina, mas antes latim que francez; e d'ahi estas questões de gosto, questões d'arte, para mim, que vivo, e me preoccupo tanto com estas frivolidades como muittos com a politica e outras materias d'alta transcendencia, são da maior importancia, e não acho de mais uma citaçãozinha da lingua mãe. Citaria até sanskrito... se o soubesse.

O campino é, de todos os habitantes das nossas terras, altas e baixas, o mais elegante e typico. Nenhum lhe soffre o confronto — nem os dos plainos, nem os das serras, nem os das costas e arribas do mar. A um tempo povo e fidalgo, é peão e cavalleiro; no olhar, no porte tem o quer que de senhoril, de superior, de conscio de si, sem vaidade nem ostentação; é o que é, e no meio da lezira o seu todo — não elle — parece dizer-nos, quando a vae cortando, ao passo seguro e firme do seu cavallo, com o pampilho, descabido a meio travez, sobre o hombro: — Nós-eu, o meu cavallo e a minha vara — aqui governamos: isto é nosso!

Elle, o seu cavallo e a sua vara! Estes três eje-

mentos constituem a individualidade campino — o guardador. O homem, nascido e creado no campo, por assim dizer entre a sella e a manta, é entre-secco, musculoso, agil e bravo; como os animais, os touros com que vive, é sobrio e paciente; mora no campo, como em bivaque permanente; tem a sua *companha*, e com ella a disciplina; é *moço*, e obedece, ou *maioral*, e manda: o grande lavrador, o patrão, é o seu general. E tomaram todos os generaes que os seus soldados fossem tão sobrios, tão submissos, tão dedicados, e tão valentes como estes cavalleiros da lezira! Uma vez, por semana, ao sabbado, vem á povoação, ao Carregado, a Villa Franca, á Gollegã, á Azambuja, fornecer-se de mantimentos, e depois volta para o seu posto, e por lá está até ao sabbado seguinte, como uma sentinella perdida, na immensa solidão da campina, envolto na sua manta de listas, ou ao abrigo da sua barraca de pinho e colmo, de chão batido e rijo, varrido e asseiado como o d'um palacio.

Passa a vida a cavallo, dia e noite. Vida agreste e dura — á chuva, aos soes intensos e abrasadores; no forte da canicula, e nos vendavaes do inverno, quando sopra o sudoeste, e a lestia, o palmellão, e os raios, cruzando-se nos ares, prenunciam as chuvas torrencias que lhe inundam de repente a lezira, e o fazem atravessar, a galope desfechado, os campos alagados, accudir ás comportas e salvar de um pulo as vallas raaes, largas como ribeiras, para livrar o gado, passando-o para as terras mais altas, onde a cheia o não alcance! É um servo, mas ás vezes, assume as proporções d'um heroe, pela abnegação com que cumpre o seu dever, pelo valor temerario, com que affronta os perigos!

O seu cavallo, é, como elle, rustico e sobrio; desconhece os conchegos, os confortos da civilização; nunca dormiu n'uma *box* elegante, nunca lhe vestiram pannos de cores, de listões variados e lubricos, nunca se mostrou em campos de corridas, nem galopou na pista, ouvindo os *hurrahs* dos *sportmen* entusiasmados. E' feio, esquelido e hiruto, se o compararmos com um corredor, um *charger* de raça, e este vence-o na carreira. Mas em serviço, no campo, ao frio, ao sol, e á chuva, eu vou por elle.

A vara — o pampilho — completa a physionomia do homem; com ella, é o campino, sem ella um homem a cavallo, como outro qualquer. A um tempo insignia e arma, quando a empunha sente-se rei, tem n'ella o seu sceptro e a sua lança, e com ella dirige, governa e castiga os seus indomitos e feros subditos.

Coisa singular — esta figura tão original, mixto de pastor e de soldado, cuja vida — um perpetuo idyllio, ás vezes cortado por uma tragedia — nos parece tão suggestiva de poesia, não tem lenda poetica, não figura no cancionero popular da nossa terra!

### II

Andavamos ás codornizes nas hervas. Com bons cães, e quando ha muitas, é bonita caçada.

De repente um aguaceiro em cima de nós. Não nos offerecia outro abrigo a lezira, immensa e verdejante, que se estendia deante de nós, a não ser uma barraquinha de palha, ponteaguda, que se via, ao longe, no meio da campina deserta. Corremos para lá.

— Maioral — dá licença? disse José Galache — um dos nossos companheiros — dirigindo-se ao campino, unico habitante d'aquelle palacio.

— O' senhores — podem entrar. O caso é caberem — respondeu o guardador, levando a mão ao barrete verde.

Era um homem de quarenta annos, meão de estatura, forte e atarracado, trigueiro, barba rapada, um pouco picado de bexigas, olhos claros, olhos de homem valente, como elle, á primeira vista, logo denunciava pelo bem plantado da figura e firmeza dos movimentos.

A chuva durou o bastante para nos molharmos; nós a chegarmos á palhota, e ella a parar. Saimos para fora, e emquanto faziamos e accendiamos um cigarro, tinha-se travado conversa com o maioral. A cem metros de nós estavam os toiros, uns animais negros, de boa estampa.

— De quem é este gado?

— E' do dr. José Vaz Monteiro.

— E que tal?

— Não é mau de todo. Os senhores lá o vêem em Lisboa.

— Olhe, lá estão aquelles dois a querer brigar, disse eu ao maioral.

— José, vae lá.

O José, que assim era mandado fazer a policia do campo, era um pequeno de dez annos, roliço e forte, mas de quem nós não deramos fé. Elle não hesitou — tinha-o já feito tanta vez — saltou do caminho onde estavam para o campo, foi direi-

to aos toiros, e com dois berros e quatro matações de terra que atirou aos desordeiros, acabou com a contenda.

Era um domingo.

— Faz hoje oito dias ia aqui havendo uma desgraça... Dá-me o seu lume?

— Tome lá um charuto!

— Muito obrigado, eu não fumo. Quem me tira do cachimbo, e do cigarrito... Pois foi assim como lhe digo. Estava eu aqui — na barraca — a comer, e vae que oiço, de repente, uns gritos de homem afflicto. — Quem me acode! quem me acode! Salto logo fóra, a ver o que era... Um alma do diabo montado n'um burro podre, e um d'aquelles toiros, aquelle, e apontou um caraça, a contas com elle, já para saltar a valla, esta valla aqui! Ai, senhores, debaixo dos pés se levantam os trabalhos, bem se diz! Eu não sei como aquillo foi. Tinha alli, felizmente, a egua e a vara. Num prompto estava em cima do toiro, mas podia me levar o diabo o canastro, que elle e o mais valente que cá tenho á minha guarda. Custou-me a viral-o, queria ir á má cara para cima do homem, e deu-me agua pela barba para o arrancar d'aqui. Emfim, como eu era pessoa conhecida, lá me obedeceu, — disse elle, sorrindo do seu gracejo, e mostrando uma fiada de dentes brancos e curtos. Mas, se eu aqui não estou, era um homem perdido. Ah! ficava estripado, elle, burro e tudo! E olhem que a culpa era só d'elle. Elle proprio m'o disse. Sempre ha cada homem, que mais lhe valia ser burro! Ao menos ninguem se enganava com elles. Pois de que se havia este de lembrar?! Como o toiro se poz a olhar para elle, acenou-lhe com o lenço! Um lenço encarnado! Que lhes parece, aos senhores? Era burro, ou não! Se fosse um garoto como esse, vá, mas não, senhor, atirava já para ginja! Muito mais velho do que eu!

— Ora essa!

— Sim, senhor, e depois, com fumaças! Quando se viu fóra do aperto, já se vê... Que tinha visto muitos toiros, que em rapaz tinha sido forçado aqui e acolá... muitas historias... De modo que já aborrecido disse-lhe que se elle era tão valente, porque é que gritara por soccorro, e não esperara o toiro, elle, mais o seu burro? Que já estava velho. Pois se está velho, vá-se com Deus, e não se metta em danças, que d'esta o livramos nós.

— Nós! observou um dos meus companheiros.

— Nós, sim senhor, replicou elle. Deus e eu, que neste caso Deus entra aqui por procuração, como dizia meu pae. Eu é que lhe fiz as vezes. E' isto que eu queria dizer na minha. E o maior, dizendo isto, piscou os olhos garços com certa malicia. Lá estão os bois outra vez, José, vae lá, e aparta-os para longe. Andam n'aquillo, até que se pegam a valer, e então ha morte de homem. Lá está o Caraça a olhar para elles, mas vae lá sempre.

— O que é isso do Caraça, maioral?

— E' que aquelle toiro aparta as desordens dos outros.

— Sim?! Como é isso? perguntei eu.

— Sim, senhor. Mas tem seu perigo. O animal, quando vê dois pegados á marrada, vae-se de cá direito a elles e joga a pancada ao meio, mas, ás vezes, ha um desvio, e lá vae um corno pelo peito ou pela barriga dos que estão bulhando, e era uma vez um toiro. Ainda ha poucos dias que isso ahí aconteceu. E o maioral, para fechar e comentar a narrativa, continuou:

— Isto é uma comparação — arma-se uma questão com amigos nossos, e uma pessoa quer apartar-os, e vae, entra, e mette a navalha ao meio, e por desgraça apanha um corpo deante de si; a faca faz a sua obrigação... Aqui o campino, que já não tirava os olhos da manada, gritou para o rapaz:

— Para ahí, José, que eu lá vou.

E saltando d'um pulo para cima da egua, já com o pampilho ás costas, disse-nos:

— Adeus, meus senhores. Desculpem, mas vou lá eu. Não me façam elles alguma desfeita ao pequeno: — é meu filho.

E saltando a valla, partiu como um raio pelo campo fóra.

Nós voltámos para as nossas codornizes. Havia muitas na lezira.

8 julho 94.

Zacharias d'Aça.

## CAPITULOS INEDITOS

DA

### CHRONICA DE D. AFFONSO HENRIQUES

POR DUARTE GALVÃO

Na Bibliotheca Publica do Porto existe um precioso codice em pergaminho, que pertenceu ao

mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e que encerra a Chronica de D. Affonso Henriques, por Duarte Galvão.

A encadernação é sem duvida do tempo de el-rei D. Manuel, ao qual o referido codice parece ter servido e senão a elle, a outra pessoa real.

As capas tem ornatos em metal dourado, constando estes das armas de Portugal, com coroa aberta, nos quatro cantos rosaceas e nas diagonaes quatro esferas armillares.

O frontispicio é ricamente ornamentado, e em diversas paginas admiram-se iniciaes primorosamente illuminadas, sendo gothica toda a letra em que está escripto o mencionado codice.

Ha pois todos os dados para acreditar que este manuscrito é coetaneo dos tempos do chronista-mór Duarte Galvão e naturalmente copia do que existe na Torre do Tombo e que se diz ser o original.

Ora compilando-se o manuscrito da Bibliotheca do Porto com a chronica de D. Affonso Henriques, por Duarte Galvão impressa pela primeira vez em 1726, segundo uma copia extrahida por Miguel Lopes Ferreira, do original que diz existir no Archivo Real da Torre do Tombo, vê-se que n'esta faltam quatro capitulos muito curiosos que se referem especialmente á embaixada que o Papa mandou ao rei D. Affonso Henriques por causa da prisão de sua mãe, e da nomeação feita pelo mesmo monarca, de um clérigo negro, para bispo de Coimbra, e do que se passou a tal respeito com o cardeal embaixador.

Apesar da declaração de ter sido a chronica «fielmente copiada» do original existente na Torre do Tombo, o proprio Miguel Lopes Ferreira no prologo «Ao leitor», confessa textualmente:

«N'esta historia se acham alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve de attribuir a malicia do Author senão a que n'aquelle tempo devia de ser esta a tradição, que havia entre nós mal fundada no principio, e peor continuada na boca dos que a passavam a outros em que como he natural; cada dia se vae desfigurando, e perdendo a sua forma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Doutor Fr. Antonio Brandão na Terceira Parte da Monarchia Lusitana, porque examinou a verdade no segredo dos Cartorios em que estava sepultada. Algumas pessoas me aconselhavão, que lhe fizesse notas, porém seguí o parecer de outras, que assentariam, que como esta chronica se imprimia para os que sabem, elles não ignorão pela lição de Fr. Antonio Brandão, o que he tradição errada.»

A par d'isto diz o mesmo Miguel Lopes Ferreira, que esta chronica tinha mais de dous seculos de antiguidade, porque seu author, Duarte Galvão fallecera na ilha de Camarão a 9 de junho de 1517; que a auctoridade de quem a escrevera não era menor, porque o pae d'este chronista fóra Ruy Galvão, secretario e escrivão da puridade de el-rei D. Affonso V de Portugal; e que Duarte Galvão, seu filho, foi do conselho dos reis D. João II e D. Manuel, chronista-mór do reino, alcaide-mór de Leiria, doutissimo nas letras; e embaixador a França e Allemanha e depois do Preste João.

A illiminação dos quatro capitulos, na obra impressa, vem igualmente assignalada pelo proprio censor regio, o padre mestre D. Jose Barboza, que no parecer inserto no mesmo livro diz:

«Por Ordem de V. Magestade vi a Chronica d'El-Rey D. Affonso Henriques que compoz Duarte Galvão e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De hum, louvo o zelo em fazer publicar as Chronicas dos nossos Reys, que tantos tempos ha que se conservão manuscritas, e do outro não posso deixar de lhe não accusar a negligencia com que se houve na composição desta Chronica, porque parece que não fez exame algum para o que havia de escrever. Mas como vejo riscados nella alguns capitulos, e tudo vejo reformado pelo doutor Frey Antonio Brandão Chronista mór deste Reyno no 3. tomo da Monarchia Lusitana, bem se pôde imprimir sem escrupulo.»

São conhecidas as numerosas duvidas que obscurecem a nossa historia nos começos da monarchia e as controversias que se tem erguido a respeito de muitas d'ellas: tendo-se affirmado tenazmente, e combatido com não menor fogo, pontos como estes:

A illegitimidade do nascimento de D. Thereza, mãe de Affonso Henriques; o casamento d'ella com D. Fernando Peres de Trava, conde de Tras-tamara, que a seu proprio irmão D. Vermuim Peres, com que já era casada, a usurpou, succedendo depois, segundo refere o conde D. Pedro no seu Livro de Linhagens, que vendo D. Vermuim seu irmão impossado de sua mulher, casou com uma filha d'esta e do conde D. Henrique; as desavenças de D. Thereza com seu filho D. Affonso

Henriques e as guerras que contra elle suscitou; a jornada, que por causa do exito de uma d'ellas, emprehendeu a Castella, Egas Moniz; a prisão a que D. Affonso Henriques condemnou sua mãe, e finalmente as desavenças que por este motivo teve com o Papa, etc.

Comtudo a illegitimidade do nascimento de D. Thereza, o seu segundo casamento e a jornada de Egas Moniz a Castella, são pontos já sufficientemente demonstrados e reconhecidos.

Quanto á nomeação do bispo negro, a que se refere um dos capitulos omittidos, não sabemos em que conta se deva ter a explicação que frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo dá no seu E lucidario (tomo 1.º pag. 285) a respeito do assumpto, isto perante os pormenores narrados por Duarte Galvão acerca das questões suscitadas entre o Papa e D. Affonso Henriques, por causa da tal nomeação.

Eis como Viterbo explica o caso:

«Muitos monges foram tirados dos Mosteiros para receberem o lugar de Bispos; e como não depunham o Habito Monachal, que era preto, o clero se compunha á imitação do seu Prelado. D'este tempo ficou na Sé de Coimbra, a mal tramada Fabula do Bispo Negro. Este foi D. Bernardo, Francez de nação, Monge de S. Bento, e Arce-diago de Braga, feito por D. Giraldo, de quem escreveu elegantemente a vida.

(Continúa).

Manuel M. Rodrigues.



## REVISTA POLITICA

Com o encerramento das camaras entrou a politica em ferias, e ferias iamos nós tambem dando a esta revista, por falta de assumpto com que encher os quartos de papel, que tyrantemente nos impõe o dever de os rabiscarmos; muito mais tyrantemente do que o tyrano, descoberto á ultima hora, pelos republicanos de má morte, na pessoa do Tzar.

Um tyrano a quem a França republicana traz nas palminhas, mas que os intransigentes republicanos portuguezes, firmes na sua austeridade e impulsetez, taxam de despota a milhares de kilometros de distancia.

É d'elles o reino do ceu, o que sempre é melhor do que os horrores do inferno que esperam o despota da Russia.

E sem querer iamos cahindo em Moscow, onde se estão ainda celebrando as festas da coroação do Tzar, festas tão grandiosas que até a catastrophe que as ensombrou foi espantosa de horror, terrivel, como de raras ha memoria.

Havia-se juntado oitocentas mil pessoas, no campo de Chodinsky, um campo tão grande, que aquella enorme massa de gente occupava apenas uma pequena parte. Iam distribuir-se bilhas commemorativas e viveres á multidão, mas o povo, que é o mesmo em toda a parte, tanto se agglomerou e apertou para receber o bodo, que mais de 1:200 pessoas ficaram asfixiadas e esmagadas! Grandeza em tudo, como se vê.

Mas, voltando ao assumpto d'esta revista, procuremos no pequenino meio politico em que vivemos, o que mais importancia teve, ou que mais deu que falar.

São tudo aguas passadas. Novo em folha não ha nada.

Assim a crise governamental que houve, logo ao fechar das camaras, não teve consequencias. Dizia-se que sahia o sr. ministro da marinha por divergencia com os seus collegas a respeito da ultima reforma da Escola Naval, mas o sr. dr. Jacintho Candido não quiz criar difficuldades ao governo, e as coisas harmonisaram-se, continuando o ministerio firme no seu posto.

Não pouco se tem intrigado na imprensa com respeito ao emprestimo de nove mil contos, com destino a acquisição de navios de guerra, entretanto só ha tres dias sahio no *Diario do Governo* a auctorisação para o dito emprestimo, que foi votado pelas cortes.

Só a politiquice é que explora estas coisas pon-do em jogo o credito do paiz. Por fortuna esse jornalismo que ha para ahí é apenas para uso domestico, não echoando fóra das fronteiras, porque se tivesse a circulação do *Times*, do *Figaro* e outros da imprensa ingleza ou franceza, que triste idéa estaria a cada momento a dar d'este paiz, que tanto se esforça para desacreditar.

Até chegou a dizer que tinham gorado as ne-

gociações que, para o empréstimo, o governo encetára em Paris, quando afinal taes negociações eram pura imaginação de quem formulava essas noticias e não passava de intriguinha politqueira. Todos conhecem a impreterivel necessidade de reformar a nossa marinha de guerra, depois de ter chegado á expressão mais simples.

Pois quando um governo se empenha em dotar a armada com meia duzia de navios, para acudir ás necessidades mais instantes do serviço, não falta quem pretenda contrariar esses esforços, só pelo amor da arte, só para fazer politica. E já que fallamos de marinha não deixaremos de nos referir á visita da esquadra ingleza do Mediterraneo que ha cinco dias entrou no Tejo, depois de uma ausencia de sete annos.

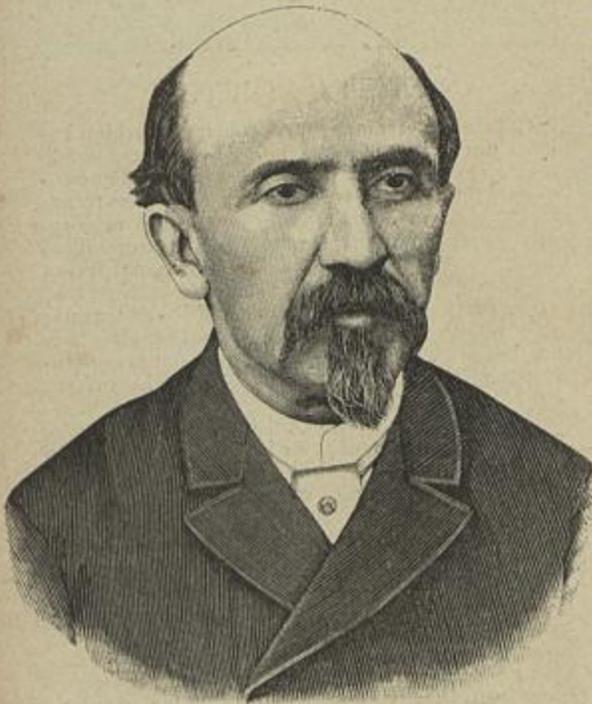
São quatro navios magníficos, sendo dois couçados modernos.

As festas na legação ingleza tem-se succedido em honra da officialidade da esquadra, e hoje ha um almoço em Cintra, offerecido pela officialidade da marinha portugueza aos officiaes inglezes. Hontem tambem houve um jantar no paço em honra do almirante da esquadra, e todas estas demonstrações de cortezia são apreciadas politicamente, como estreitamento de relações, que desde 1890 tinham esfriado, como todos nós sabemos.

Que não haja motivo para novos resfriamentos é o que muito desejamos.

João Verdades.

## NECROLOGIO



ANTONIO LOPES DOS SANTOS VALENTE  
FALLECIDO EM 11 DE ABRIL DE 1896

Antonio Lopes dos Santos Valente nasceu na villa da Certã, a 4 de dezembro de 1839, e falleceu em Lisboa a 11 de abril d'este anno.

Tendo-se matriculado na faculdade de direito da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1858-1859, concluiu a sua formatura em 1863. Pouco depois era nomeado administrador do concelho de Villa de Rei, e, passados alguns annos, era provido por concurso n'um logar da secretaria da Justiça. Ultimamente fôra condecorado com a ordem de Sant'Iago.

Logo nos primeiros mezes do seu primeiro anno de direito se tornou conhecido na academia como abalizador latinista, por causa de uma celebre dissertação, «scripta em latim de Cicero,» como a qualificou na aula o dr. Paes, lente da cadeira de encyclopedia juridica e de historia de direito patrio. D'ahi veiu o ser elle durante algum tempo conhecido em Coimbra pelo Cicero.

Profundamente versado n'esse idioma, compunha com a maior facilidade, tanto em prosa como em verso; e d'esses estudos ficou um magnifico volume, feito na Imprensa Nacional, a que elle poz o titulo de *Carmina*. Não lhe era menos familiar a lingua grega, da qual foi professor particular.

Tinha tambem muita predilecção pela lingua

italiana, e desde a sua mocidade o Dante foi um dos seus poetas favoritos. Traduziu diversos romances e outra: obras da moderna litteratura da Italia, editadas sem nome de auctor pela Typographia Elzevieriana, com a nota de *Traducção auctorisada*.

A sua obra principal foi o *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, que é sem duvida o melhor que possuímos, e foi todo producto do seu trabalho, excepto o prefacio ou introducção, que é do fallecido Caldas Aulete.

Rarissimo o volume dos seus versos, intitulado *Primicias*, publicado ainda em Coimbra durante a sua formatura, e muito apreciado por todos os cultores da lingua latina e da lingua portugueza, que elle conhecia a fundo.

Tantas fadigas, e tão porfiado lutar n'um meio em geral indifferente ao verdadeiro merecimento, que se não apregoa nas praças, mas vive, como elle viveu, na mais recatada e até humilde modestia, haviam-lhe pouco a pouco consumido as forças e abreviado o termo de uma existencia toda empregada nos sublimes labores do pensamento.

Foi bom, justo e sabio. Serviçal até o extremo para os amigos, para os indifferentes e até para desconhecidos que recorriam ao seu muito saber, que elle com a maior singelleza, e *ex-abundantia cordis*, punha á sua disposição. Amabilissimo no trato particular, chegava a ser muitas vezes jovial, e de austero pensador transformava-se em *bom vivant* — formando um contraste singular.

Amigo intimo de João de Deus e de Anthero do Quental, grande foi o seu desgosto pela morte d'esses dois poetas. A d'elle não consternou menos os seus amigos, que foram todos que sabiam apreciar as suas altas qualidades intellectuaes e moraes.

Pobre e infeliz amigo!  
Repousa em paz.

A camara municipal da Certã, para exaltar a memoria do seu illustre nome, deliberou que a rua em que elle nasceu fique sendo chamada a rua do dr. Santos Valente.

Alberto Telles.



JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES  
FALLECIDO EM 14 DE ABRIL DE 1896

Falleceu no dia 14 de abril ultimo, João Baptista da Silva Lopes administrador dos Correios, telegraphos e pharoes de Lisboa, o mais antigo funcionario d'esta repartição e que assistiu a todas as transformações e progressos porque tem passado o serviço do correio, em Portugal.

Nasceu em 1 de julho de 1819 e a sua primeira nomeação, como official de 3.ª classe, data de 15 de junho de 1838, sendo exonerado d'este logar para passar a amanuense de 2.ª classe da secretaria do Conselho de Estado, por decreto de 12 de agosto de 1845.

Em 17 de junho de 1846 passou para o antigo logar pelo decreto d'esta data.

Pela portaria de 12 de março de 1850, passou a 2.º escripturario da Contadoria, e tres annos depois, pelo decreto de 14 de junho de 1853, foi nomeado chefe de secção. Secretario da sub-inspecção geral dos correios por decreto de 12 de

agosto de 1863. Foi elevado a administrador central do correio de Lisboa, por decreto de 23 de dezembro de 1873; e a administrador dos correios, telegraphos e pharoes de Lisboa por decreto de 14 de outubro de 1880.

Pela leitura d'estas simples notas se vê que João Baptista Lopes passou a sua vida no arduo serviço dos correios, no serviço em que tantos se reformam ao fim de vinte ou trinta annos de exercicio, o que bem mostra o amor e dedicação que tinha pelos serviços postaes, do que elle, se póde dizer era hoje uma preciosa reliquia, só se retirando do seu posto quando a doença e a idade inteiramente o venceram.

Baptista Lopes foi um modelo do functionalismo official, pelo zelo e intelligencia com que desempenhou, durante tão largos annos as commissões do seu serviço.

Em 1885 foi nomeado delegado de Portugal ao grande congresso postal.

João Baptista Lopes deixou o *Diccionario Postal e chorographico do Reino de Portugal comprehendendo a divisão administrativa, judicial e ecclesiastica do continente do reino e dos archipelagos dos Açores e Madeira* obra importante que só por si prova o grande trabalho e estudo do seu auctor.

Honra á sua memoria.



Recebemos e agradecemos:

A *Patria* e João de Deus, director litterario: Leopoldo Mera, com a collaboração dos melhores escriptores portuguezes.

N'um gracioso voluminho, impresso em bom papel e em phantasia typographica, coordenou o sr. Mera, grande numero de produções litterarias nacionaes subjectivas a João de Deus.

É uma homenagem de grande signihcação pelos nomes que a ella concorrem. Tudo o que ha de mais distincto nas letras portuguezas tributa, no presente livrinho, as palavras mais nobres da sua admiração.

A variedade com que está intelligentemente disposto, livra o leitor de achar monotomo o assumpto, referindo-se a um só abjecto; para isto tambem concorrem os talentos que collaboraram os quaes acharam sempre uma nota diversa, uma forma differente de exprimir a grandeza do seu sentimento. É um livrinho deveras encantador.

*Pombeiro da Beira. Memoria historica descriptiva e critica por Sanches de Frias, ornada de estampas. Lisboa, 1896.*

N'um elegante volume, de nitida impressão, sahido dos prelos da importante typographia do nosso amigo João Romano Torres, acaba o distincto litterato, sr. visconde de Sanches Frias de publicar, a Memoria acima.

*Pombeiro da Beira* é uma monographia curiosa e erudita do que foi aquella antiga villa, hoje tão decahida que até o titulo de villa lhe é contestado. Embora no foral de D. Manuel se lhe chame villa, os poderes publicos sempre lhe tem designado como *logar* ou *cabeça* da freguezia do seu nome.

É, pois, da passada grandeza da velha povoação, dos seus senhores e dos seus monumentos que o sr. visconde de Frias nos falla na sua interessante Memoria.

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Está publicada e á venda

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE  
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39